



Seminário

Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente

ANAIS ELETRÔNICOS

25 a 27 de abril
UEMG/CEFET-MG
Belo Horizonte (MG)

20
17

OS USOS DA MEMÓRIA NA FORMAÇÃO POLÍTICO-IDENTITÁRIA DOS SUJEITOS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CARRAPATOS DA TABATINGA

Agda Marina Ferreira Moreira¹

José Eustáquio de Brito²

- Resumo

As comunidades remanescentes de quilombos são grupos etnicamente diferenciados e que possuem uma ligação direta com o passado escravista, sendo, em sua maioria, descendentes diretos de negros que resistiram à escravização vigente por séculos no Brasil. A fim de garantir sua continuidade, esses grupos permaneceram “isolados” por muitos séculos, uma vez que a *invizibilização* foi uma importante estratégia de sobrevivência, o que também foi fator indispensável para a manutenção de suas práticas socioculturais. Com o advento da Constituição de 1988, esses grupos ganharam o reconhecimento legal e passaram a ser considerados, pela primeira vez, como sujeitos de direitos, mediante legitimidade de uma nova categoria social: a dos *remanescentes de quilombos*. Com o processo de ressemantização, esses grupos adentraram o cenário político não somente enquanto detentores de direitos específicos, mas apontando a emergência de desenvolvimento de pesquisas, políticas públicas e, sobretudo, de acesso aos direitos básicos constantemente violados. Nesse contexto, a Educação Quilombola emerge enquanto importante pauta e demanda, uma vez que, ao admitirmos sua diferenciação étnico-racial-cultural, acabamos por reconhecer a necessidade de implementação de uma educação diferenciada. Para tanto, há de se valorizar o caráter diferenciado de suas formas de saberes e fazeres, que têm na cotidianidade e na transmissão oral seus elementos basilares. Nesse sentido, os processos educativos reproduzidos nas comunidades remanescentes de quilombos podem ser entendidos enquanto estratégia indispensável na manutenção sociocultural e na consequente formação identitária de seus sujeitos, que passam a se compreenderem e se auto declararem enquanto tal, mediante ligação com os aspectos vinculados a uma tradição quilombola. Tais aspectos perpassam toda a vida em comunidade, estando presente na subjetividade de suas práticas cotidianas, nas relações interfamiliares e na rememoração dos fazeres oriundos de seus antepassados. A ligação com o passado de luta e resistência à escravidão são aspectos fundantes para compreendermos não somente o processo educativo dos sujeitos quilombolas, mas também na formação identitária de sujeitos politicamente engajados que passam a se relacionar diretamente com uma identidade coletiva, quilombola. Diante do exposto, o presente trabalho é parte dos resultados e problematizações da dissertação de mestrado apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (FaE/UEMG), em 2016. Tendo por sujeitos da pesquisa os

1 Mestre em Educação pela Universidade do Estado de Minas Gerais, pesquisadora <agda.quilombos@gmail.com>.

2 Prof. Doutor e Vice-reitor da Universidade do Estado de Minas Gerais <joseeustaquio.brto@uemg.br>.

membros da comunidade quilombola de Carrapatos da Tabatinga, localizada na área urbana de Bom Despacho/MG, nos deteremos a analisar o papel aglutinador e os usos da memória no processo educativo da comunidade. Para tanto, nosso objetivo é o de identificar os usos da memória e sua relação a um passado diretamente vinculado aos ancestrais para as gerações atuais uma vez que este é um aspecto indispensável no processo de auto reconhecimento enquanto quilombolas. No caso da comunidade pesquisada, faz-se necessária a ênfase no papel desempenhado pela matriarca da comunidade, sendo o elo e a principal referência na transmissão oral de uma memória quilombola e da história de formação da comunidade em específico. Portanto, apresentaremos trechos oriundos das narrativas e das observações realizadas junto ao campo de pesquisa, em diálogo com os referenciais por nós adotados, tais como Jorge Larrosa (2011); Michel Pollack (1992); Joel Candau (2014); Maurice Halbwachs (1968) e Ecleá Bosi (2012). Apesar de nossa ênfase não se dar exclusivamente ao papel da memória no processo educativo da comunidade, apresentaremos as contribuições da mesma enquanto parte dos resultados da pesquisa. Mais do que um elemento isolado, a memória compõe o repertório dos aspectos vinculados à tradicionalidade quilombola da comunidade e que reflete em seu processo formativo, sendo a ponte entre as diferentes gerações na compreensão do “ser quilombola” e de sua trajetória ancestral.

Palavras-chave: Identidade quilombola; tradicionalidade; processos educativos; memória coletiva; transmissão oral.

- Introdução

As comunidades remanescentes de quilombos são definidas enquanto grupos etnicamente diferenciados que possuem uma relação direta ou indireta com a resistência à escravização sofrida ao longo de todo o processo escravista brasileiro. Oriundas dos antigos quilombos, em sua maioria, esses grupos resguardam aspectos de suma relevância para a história e cultura afro-brasileira, uma vez que mantêm vivos aspectos de origem africana e que podem ser traduzidos enquanto reminiscências do período em questão. Nesse processo, a memória se apresenta enquanto importante elo que interliga passado e presente, sendo uma das principais responsáveis pela manutenção de saberes e fazeres que tem sua origem num passado marcado pela luta e resistência.

Para as comunidades quilombolas, a memória, sobretudo coletiva, se torna um importante vínculo entre sua origem (formação comunitária) e a busca por legitimidade na atualidade, no intuito de serem reconhecidas pelo estado brasileiro enquanto *remanescentes* dos antigos quilombos, o que é pré-requisito para acessarem as políticas públicas específicas. Para tanto, é possível afirmarmos que a memória cumpre dois importantes papéis para os grupos quilombolas: a) dar legitimidade às práticas socioculturais no presente enquanto parte de uma reminiscência ancestral e; b) interligar seus sujeitos a uma identidade quilombola e ao seu consequente engajamento político.

A memória compartilhada pelo grupo é o ponto central das discussões que faremos no presente trabalho, com recorte no estudo de caso da comunidade quilombola de Carrapatos da Tabatinga, como parte dos resultados da dissertação de mestrado apresentada junto ao

Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado de Minas Gerais (FaE/UEMG), em 2016. Com enfoque nos processos educativos da respectiva comunidade, nosso trabalho visa identificar os usos da memória no processo formativo dos sujeitos que se relacionam à uma identidade de grupo. Tal processo resulta das trocas e interações cotidianas e interfamiliares do grupo em questão, uma vez que a transmissão oral cria uma ligação entre gerações passadas e as atuais, onde parte de seus repertórios e valores encontram-se ancorados.

Vale ainda ressaltar que a comunidade pesquisada apresenta aspectos relevantes que a distingue de outras, o que torna o enfoque na memória ainda mais relevante, uma vez que as formas próprias de educar seus sujeitos, nos orienta para uma maior valorização dessas práticas na construção de uma modalidade de Educação Quilombola. Dentre os aspectos observados, vale ressaltar:

- a) O papel aglutinador da matriarca, referência e principal mantenedora das práticas socioculturais tradicionalmente quilombolas;
- b) O engajamento de lideranças da comunidade junto ao movimento quilombola instituído;
- c) Apesar de estar localizada em contexto urbano, a comunidade apresenta características que vem sendo fragmentadas em comunidades em contextos mais favoráveis à reprodução sociocultural dos saberes tradicionais;
- d) A intensa participação de jovens e crianças nas práticas culturais e nas mobilizações políticas da comunidade.

Utilizando a observação participante, as narrativas e histórias de vidas como métodos de coleta de dados, identificamos os usos da memória junto ao processo de formação político-identitária dos sujeitos da comunidade em questão. Mais do que uma transmissão oral intercomunitária, a memória também é um importante recurso utilizado nas mobilizações sociais, tornando-se ponto comum entre comunidades de diferentes contextos e trajetórias culturais, políticos e geográficos, propiciando uma consciência coletiva. A partir dos aspectos apresentados, nosso intuito é o de propor uma reflexão acerca dos usos e das contribuições de uma memória coletiva quilombola na constituição dos sujeitos da comunidade quilombola de Carrapatos da Tabatinga.

- A identidade quilombola como ponto de partida

Partindo do pressuposto de que a identidade é um dos alicerces à construção político-ideológico dos grupos quilombolas, seu papel somente pode ser compreendido se apoiado no conceito da *diferença*. Emergindo das relações híbridas, orientadas pelas disputas entre “nós” versus os “outros”, a questão da identidade emerge enquanto questão ideológica, de disputa sócio-política, sendo orientada por questões históricas. Nesse sentido, podemos afirmar que as identidades são concebidas a partir de tal concepção, o que, para Tomaz Tadeu da Silva (2014) manifesta-se por meio de *sistemas simbólicos* e pelas formas de *exclusão social*, ao qual afirma que *a identidade depende da diferença*, havendo, portanto, uma correlação direta.

Fruto das disputas sociais que adentraram o cenário político a partir da década de 1970, com vistas a superar a histórica exclusão ao qual grupos minoritários se viam submetidos, que a afirmação de suas culturas – e suas diferenças – emergem enquanto estratégias de afirmação identitária. O que nos interessa é enfatizarmos a relação de desigualdade construída ao logo do processo histórico brasileiro, o que reflete seus impactos na exclusão desses grupos na conjuntura atual, já que a questão quilombola somente ganhou relevância a partir da Constituinte de 1988.

Tomando a questão cultural, Hall (2009) aponta que a cultura deixou de representar formas de vida para representar formas de luta, estando as diferenças culturais no cerne das reivindicações dos movimentos sociais que buscam reconhecimento, como é o caso dos remanescentes de quilombos. Consequentemente, a cultura adentra o cenário político e passa a ser utilizada enquanto instrumento de luta e de acesso a direitos.

As desigualdades sociais historicamente definidas também são fatores que determinaram as delimitações culturais - sendo as fronteiras étnicas uma de suas resultantes. Manuela Carneiro Cunha (2009) descreveu em seu ensaio a separação entre uma cultura até então tida como universal (a cultura brasileira, por exemplo) para suas especificações (a definição de diversas culturas populares que compõem a cultura brasileira), sendo traduzidas por ela como “Cultura” e “cultura com aspas”. Nesse contexto, a emancipação de direitos pode ser considerada uma das principais responsáveis pelo reconhecimento étnico-racial dos grupos, até então, subalternizados, uma vez que coloca as tradições e referências culturais culturas populares/tradicionais num lugar de destaque, de singularidade. Ou seja, é a partir do reconhecimento legal dos grupos quilombolas enquanto categoria social e, portanto, detentora de direitos, que muitas delas adentram o cenário sócio-político por meio dos coletivos e movimentos sociais.

Nessas relações de disputa político-ideológica, a cultura se torna instrumento de reivindicação e contestação diante de um processo histórico de exclusão ancorado nas relações de dominação, o que justificaria sua definição enquanto cultura diferenciada. À luz de Bakhtin (2009), compreendemos que a concepção dos indivíduos em torno de uma identidade específica é resultante de um discurso coletivo, ao qual a noção de pertencimento está diretamente ligada à uma identidade coletiva. A constituição de *sistemas simbólicos* passa pela escolha de um *símbolo* que represente, ideologicamente, determinado grupo cultural, o que só é possível mediante a *palavra*, que na coletividade, dará sustento a um discurso coletivo. Em suma, as identidades culturais são construídas a partir de práticas e discursos ideologicamente concebidos, ao qual deve ser entendido como algo negociável e orientado pelas tensões históricas de cada grupo, em diferentes contextos. Nesse sentido, torna-se indissociável discutir cultura vinculada ao conceito de identidade, uma vez que as identidades “são formas distintas de selecionar/reciclar/rearranjar o material cultural comum a todos” (BAUMAN, 2012, p. 69), sendo um processo dinâmico, não estático como foi considerado por muito tempo.

- A memória como interligação entre passado e presente

A memória pode ser considerada um dos pilares que sustentam aquilo que definimos por

tradicionalidade/reminiscências presentes entre os remanescentes de quilombos, uma vez que resguarda aspectos diretamente ligados à sua herança ancestral. É por meio da memória que muitas manifestações culturais ainda se perpetuam na atualidade, além de proporcionar um maior conhecimento e interação das novas gerações à história da comunidade e de seus marcos simbólicos.

Partindo do pressuposto de que a memória resulta das vivências e trajetórias que marcaram a história de determinado grupo, a mesma só cumpre um significado na atualidade mediante a *experiência*. Jorge Larrosa (2011) descreve a influência que determinados acontecimentos têm sobre o indivíduo e em seu processo formativo, já que tais acontecimentos – ainda que remetam ao passado ou a algo externo a atuação desses sujeitos - orientam sua percepção e relação com o grupo em que está inserido. Para o autor, a *experiência* pode ser entendida como “aquilo que me passa”, ou seja, que impacta, que modifica o sujeito, tendo na subjetividade uma característica fundamental, sendo que:

Se lhe chamo de “princípio de subjetividade” é porque o lugar da experiência é o sujeito ou, dito de outro modo, que a experiência é sempre subjetiva. Contudo, se trata de um sujeito que é capaz de deixar que algo lhe passe, quer dizer, que algo passe as suas palavras, as suas ideias, a seus sentimentos, a suas representações. (LARROSA, 2011, p. 4).

Nesse sentido, a *experiência* pode se dar mediante interação/vivência direta dos sujeitos a determinado acontecimento ou mediante narrativas e manifestações que interligam os sujeitos ao fato em si. Aqui, o que torna a experiência válida é a forma como ela passa pelo sujeito, sendo a memória um importante recurso de (re) memorização de algo passado, diluído em outros tempos, mas que possui relevância simbólica para o grupo em questão. No caso das comunidades remanescentes de quilombos, a memória se faz presente por meio da oralidade, dos modos de fazer, dos saberes tidos como tradicionais, das manifestações culturais e tantos outros que possuem referência em outro tempo (passado). No caso dos nossos sujeitos de pesquisa, a manutenção de determinadas manifestações culturais possui relação direta com sua identidade quilombola, já que a comunidade passou por um processo de migração devido a disputa por terras em seu território de origem, localizado no município de Bom Sucesso/MG.

Obviamente, nenhuma memória seria tão sólida ao ponto de ser “fiel” ao fato em si, havendo uma tradução, uma ressignificação e até mesmo uma adaptação de determinado fato à sua interpretação no presente. Michael Pollack (1992) aponta algumas características que devem ser consideradas ao tratarmos da memória, sobretudo enquanto fator/método de pesquisa qualitativa, sendo eles:

- a) A memória é seletiva;
- b) A memória é um fenômeno construído;
- c) A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade;
- d) Há de se considerar que existe um trabalho de enquadramento da memória;

e) O trabalho da própria memória em si.

Já para Candau (2014), a transmissão das memórias é parte integrante dos processos de socialização e de educação de determinado grupo, o que pode nos auxiliar na identificação deste processo na comunidade de Carrapatos da Tabatinga. Apesar de parte significativa dos membros da comunidade não terem vivido e nem mesmo conhecido seu território originário, a lembrança acerca de seu processo migratório é bastante viva em suas narrativas. Tal aspecto, pode ser entendido sob a perspectiva de que:

Em um mesmo grupo, essa transmissão repetida várias vezes em direção a um grande número de indivíduos estará no princípio da reprodução de uma dada sociedade. No entanto, essa transmissão jamais será pura ou uma “autêntica” transfusão memorial, ela “não é assimilada como um legado de significados nem como a conservação de uma herança”, pois, para ser útil às estratégias identitárias, ela deve atuar no complexo jogo da reprodução e da invenção, da restituição e da reconstrução, da fidelidade e da traição, da lembrança e do esquecimento (CANDAU, 2014, p.106).

A partir do trecho acima, compreendemos o papel relevante da transmissão das memórias coletivas na manutenção de seus saberes tradicionais e na formação de seus sujeitos, sendo o que os conectam à trajetória de seus ancestrais. Neste processo educativo-formativo, as narrativas ganham destaque, uma vez que é por meio da transmissão oral destas memórias, que a história de formação da comunidade pesquisada é apropriada por seus sujeitos, sobretudo pelos mais jovens.

A relevância das narrativas e suas contribuições foram percebidas em nossas observações em dois momentos distintos: a) na formação identitária dos sujeitos enquanto parte de um grupo específico e; b) na tomada de consciência e no conseqüente engajamento político dos sujeitos que se auto declaram quilombolas. Tal observação faz-se presente tanto no cotidiano da comunidade, quanto na interação e participação de suas lideranças e representantes junto ao movimento quilombola instituído. Para compreendermos o papel desempenhado pela transmissão das memórias coletivas às novas gerações, utilizaremos alguns trechos de narrativas coletadas nas entrevistas realizadas em campo e na análise de documentários audiovisuais³ aos quais recorreremos enquanto fonte de pesquisa.

Apesar de não terem vínculo direto com a escravização, esses sujeitos apresentam uma narrativa de conotação viva acerca deste período, havendo praticamente uma apropriação desse passado, como se fossem testemunhas oculares resistência de seus antepassados. Nesse processo, o importante papel de transmissora da matriarca é descrito pelos sujeitos quilombolas sob os seguintes relatos:

Nó, ela foi formada com muita luta, né? Da minha avó, porque, é, tem muitos anos atrás que minha avó corre atrás disso aqui, tem muito tempo. Porque, tipo assim, isso aqui era cheio de mato, né?

3 Documentários “A filha de São Sebastião” (2014), produzido pela Caturra Digital Filmes e “Dandaras: a força da mulher quilombola” (2015), produção espontânea.

E ninguém tava pra formar isso aqui um quilombo, um bairro, as pessoas já não interessavam mais aqui. Mas minha avó quis lutar, já levou muita trapaça dos outros já, mas ela conseguiu, graças a deus, né? (Laura, 12 anos).

Ancestrais, né? Nos ensinou, foi através da minha mãe, da minha avó, minha bisavó que passou pra minha mãe e veio passando de geração e a gente quer dar continuidade com nossos filhos, nossos netos e as

futuras gerações, né? Dentro dessa cultura, não se perder nossa cultura, tanto o reinado que é uma cultura de raiz, né? Do tempo do meu bisavô, foi através do meu bisavô que minha mãe, nós aprendemos a dançar o congado e aí depois ela foi ser capitã e ela foi passando isso pra gente, foi passando, passando e espero que no futuro siga, né? Essas tradições, porque é muito difícil manter os jovens nessa cultura, mas o nosso lema aqui é permanecer nessa cultura (Tânia, 53 anos).

Não, tudo através da minha mãe mesmo, né? Tudo através da luta dela, porque antes de ter um quilombo, da gente ter essa organização e conhecer, a minha mãe já era militante. Ela participava já, antes, ela tinha até um crachá que ela tinha maior orgulho de andar com ele pra todo lado, que era da é rei ...[silêncio de cinco segundos] não to conseguindo lembrar, antes de terminar a entrevista eu vou conseguir lembrar do crachá. Que ela tinha um crachá e ela tinha muito orgulho de andar com ele e era já de militância, eu acho que do movimento negro, que o movimento negro era bem forte na época (Graça, 47 anos).

A subjetividade propiciada pela História Oral enquanto fonte de pesquisa, acaba por revelar aspectos relacionados às vidas cotidianas que, no caso das comunidades tradicionais - que tiveram parte significativa de sua história fragmentada pela escassez de registros – ainda são pouco conhecidas, de uma forma geral. Para Halbwachs, a memória coletiva está diretamente relacionada àquilo que ele designa como *comunidade afetiva*, uma vez que há uma interação entre indivíduos do mesmo grupo, que acabam por “negociar” os acontecimentos que serão enfatizados. Nesse sentido, a eleição de determinado marco ou referência é consensual entre o grupo, tal como a figura construída em torno de Zumbi dos Palmares, que é referenciado por quilombolas de todo o país enquanto uma importante liderança/herói. À luz de Halbwachs, a memória coletiva:

[...] tira sua força e sua duração do fato e ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, e que se apoiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios (p. 51).



Ao questionarmos os jovens com a pergunta “Na sua opinião como se aprende a ser quilombola?”, obtivemos algumas pistas deste processo em que eles confirmam parte do que já vínhamos observando junto ao campo de pesquisa, tais como:

A convivência, é o reinado, a gente vai olhando, né? Em reuniões também (Laura, 12 anos).

Como se aprende a ser quilombola ... eu ponho que se você procurar, tipo assim eu sou moreno, sou negro, procurar a sua história eu acho que você se põe logo quilombola. Por aí você vai aprendendo, não é assim, vou ser quilombola e começar a falar que é quilombola, não! Se você souber da história, procurar saber como é o quilombola, você vai saber direitinho (Gabriel, 15 anos).

Como se aprende ser? (voz ao fundo: não aprende não, já nasce) não aprende não, já nasce, praticamente. Não tem como a pessoa querer ser quilombola, ela pode até querer ser, mas se ela não tiver no registro da família, não tiver no sangue, não tem como ela ser quilombola não (Cleverson, 23 anos).

Aqui, é possível afirmar que a identidade desses grupos encontra-se diretamente associada à sua memória, à história de resistência e aos seus marcos culturais, sendo a função da narrativa imprescindível para a afirmação e reconhecimento desses grupos enquanto remanescentes de quilombos. A narrativa se encontra diretamente associada às experiências e vivências de seus sujeitos e de seus antecessores, manifesta mediante ligação direta com a tradição do grupo, o que explica o destaque aos mais velhos em exercer tal função. Tomando por referência a matriarca da comunidade enquanto principal responsável pela transmissão dos saberes e memórias do quilombo, é possível identificar sua relevância no papel educativo dos demais sujeitos, uma vez que mantém vivos inúmeros aspectos, sendo parte deles descritos em sua narrativa:

O turbante que eu tenho é sinal de humildade porque, todo escravo que ia perto do senhor ele tinha que tá com a cabeça coberta, com humildade pra chegar perto do senhor. Então hoje, nós usa o turbante em louvor à Nossa Senhora do Rosário, pra

abençoar as nossa cabeça. E os rosário hoje, tá no lugar da corrente ne. As corrente maldita que era no nosso corpo. Hoje nos usa os rosário em agradecimento à Nossa Senhora do Rosário também. E as gunga (chocalho colocado no tornozelo) é agradecimento também porque isso aqui, era usado nos nego pra não fugir. Porque se o nego corresse, ia fazer barulho ne. Ai fazia barulho, o capataz sabia pra onde que eles tava indo, entendeu. Então tudo tem um significado de dor, sofrimento e perseguição (Sebastiana, 82 anos).

Os saberes tradicionais são a base estruturante das comunidades remanescentes de quilombos,

tendo na reminiscência uma lógica organizacional desses grupos, de sua história e memória, transmitidos de geração em geração. Para além da nítida manifestação da experiência neste processo, as trocas estabelecidas entre o narrador e seus ouvintes pressupõe um processo educativo manifesto na fala e na escuta entre os sujeitos, o que representa uma estratégia pedagógica de grande valia. Para Rosário (1989), toda narrativa incorpora quatro elementos básicos que se relacionam à vida em comunidade: *a) aspectos geográficos; b) aspectos econômicos; c) aspectos sociológicos, culturais e etnográficos; d) aspectos mágico-religiosos.*

- Considerações finais

Apesar de conter um teor que em muito se aproxima do imaginário e até mesmo de um misticismo, as narrativas trazem consigo um teor próprio ao olhar e aos modos de conceber o mundo do homem africano e afro-brasileiro, o que se torna bastante rico quando observamos os remanescentes de quilombos.

Não obstante, é possível identificar a influência das narrativas e seus usos junto ao movimento social quilombola, principalmente na retomada ao passado, lugar onde suas raízes encontram-se ancoradas. Um exemplo prático que possui significativa relevância para o movimento é a construção em torno do mito de Zumbi de Palmares, traduzido em ícone da luta e resistência quilombola na história brasileira. A figura de Zumbi se faz conhecida e presente na memória coletiva de inúmeras comunidades quilombolas, sendo evocado para ilustrar parte da história de coragem dos negros escravizados que resistiram ao escravismo, além de adentrar os espaços de mobilização enquanto “pai” do movimento quilombola.

Das narrativas que perpassam as relações cotidianas das comunidades aos espaços de mobilização social, há uma nítida transição de uma transmissão individual (comunidade) para o coletivo (movimento), o que transformam as narrativas em *discurso* político. Compreender a influência – e até mesmo a evolução - das narrativas na constituição de um discurso coletivo é de suma relevância na análise da formação identitária dos sujeitos quilombolas e de seus modos de educar. Contudo, faz-se necessário partirmos do pressuposto de que todo discurso encontra-se ancorado numa perspectiva/fundamento ideológico, o que não seria diferente ao lidarmos com os remanescentes de quilombos. À luz de Orlandi (2009), o sujeito “se constitui por uma interpelação – que se dá ideologicamente pela sua inscrição em uma formação discursiva” (p.45), o que nos permite afirmar que os discursos apreendidos e entoados pelo movimento quilombola cumprem uma função, sobretudo, formativo-educativa.

Já o aspecto de maior relevância para o trabalho em questão se dá pela *apropriação social dos discursos* através da Educação, sendo que: “todo o sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e poderes que eles trazem consigo” (FOUCAULT, 1996, p. 44). Aqui, dois aspectos importantes devem ser demarcados, uma vez que retratam questões que perpassam o contexto educacional das comunidades quilombolas:

- a) A não representatividade dos quilombos nos currículos escolares e a dificuldade desses sujeitos em acessar uma educação de qualidade – haja visto as inúmeras precariedades identificadas nas escolas em áreas rurais e em territórios

quilombolas – reforçam a existências das desigualdades sociais vivenciadas por estes grupos;

b) Diante das exclusões – quer seja no acesso à educação ou na valorização/reconhecimento da cultura quilombola no currículo escolar – enfrentadas pelos quilombolas, a formulação de um modo próprio de se educar foi indispensável. Tal estratégia além de garantir a manutenção e a reprodução dos saberes e fazeres tradicionais das comunidades, acabaram por endossar parte dos discursos produzidos nas trocas e experiências promovidas pelos movimentos sociais.

As relações existentes entre as narrativas e os discursos que permeiam as experiências e os modos de vida tradicionais quilombolas não podem ser desprezados nas pesquisas e análises que têm por objeto suas formas de educar. Ao contrário, são importantes indicadores dos usos e estratégias utilizadas por estes grupos. Para finalizar, faz-se necessário demarcar que a adoção de determinados discursos emerge de polarizações, historicamente demarcadas e que ainda geram reflexos de desigualdades entre determinados grupos sociais. A “sacada” dos grupos quilombolas na formulação de seus discursos, frente a uma trajetória de invisibilidades, pode ser compreendida como uma produção pautada nas experiências e em práticas diversas, manifestas por meio de suas memórias, tanto individuais quanto coletivas.

Conscientes de si, do que reivindicam e da identidade que representam, interagir com essas comunidades nos aponta para novas perspectivas teóricas no campo da Educação, sobretudo se considerarmos o recorte da Educação Quilombola. Portanto, faz-se necessário o reconhecimento e a valorização destes sujeitos, a fim de que, conjuntamente, a proposta educacional que os tenha por público alvo, interaja com eles de forma horizontal, dando voz a estes grupos. Ancorados numa organização simbólica de matriz africana, seus modos de educar devem contemplar tais valores, a fim de manter vivas suas tradições para a posteridade e garantir a perpetuação de sua memória coletiva, que se configura parte significativa de nossa história.

- Referências

- BAKHTIN, M. M. **Marxismo e Filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 13 edição. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BOSSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CANAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2014.
- CUNHA, Manuela Carneiro. **“Cultura” e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais**. In: Cultura com aspas e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

LARROSA, Jorge. **Experiência e alteridade em Educação**. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 19, n2, p. 04 – 27, jul. /dez.2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009. 100p.

POLLACK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200 – 212.

ROSÁRIO, Lourenço Joaquim da Costa. **A narrativa africana de expressão oral**. Luanda: Angolê, 1989.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.



5 Seminário

Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente

Realização



FACULDADE DE
EDUCAÇÃO



Apoio



UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE MINAS GERAIS



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Coparticipação

FADECIT.
FUNDAÇÃO DE APOIO E DESENVOLVIMENTO
DA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
MINAS GERAIS